

ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS

ENTREVISTA COM O PROFESSOR PASQUALE PETRONE*

GEOSUL - *Professor, fale sobre sua infância, cidade onde nasceu, família, como foi sua vinda para o Brasil?*

Prof. Petrone - Nasci na Itália, numa pequena aldeia denominada San Nicola Baronia, na Província de Avellino, região da Campânia. A Baronia, à qual pertencem San Nicola e outras aldeias como San Sossio Baronia Castel Baronia, é uma parte da Irpínia, no passado habitada pelos irpinios, populações que ofereceram grande resistência à penetração dos romanos.

Quando cheguei ao Brasil, com meus pais, tinha dois anos e meio de idade. Meus pais vieram diretamente para a cidade de São Paulo, portanto sou um paulistano da Itália. Cresci em São Paulo, de modo que toda minha experiência de vida foi somada nessa cidade. Trata-se de uma cidade que se agigantou e acumulou problemas sociais muito sérios, mas continua sendo uma cidade linda, e sob muitos aspectos a minha cidade.

Minha mãe, Addolorata Antonietta Archidiaccue Petrone, dedicava-se fundamentalmente à família e à casa. Na documentação deveria aparecer como pessoa dedicada às prendas domésticas. Na Itália havia completado o Curso Elementar, não tendo prosseguido os estudos. Inicialmente, ao tempo de minha infância, expressava-se muito melhor no dialeto de nossa aldeia que no idioma italiano. Meu pai Eliseo Francesco Petrone tinha completado os estudos de nível médio, tendo interrompido esses estudos para prestar serviço

*Participaram desta entrevista, realizada em fevereiro de 1993, os professores Armen Mamiganian, Augusto César Zeferino, Ewerton Machado. Maria Dolores Buss e Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira.

GEOSUL, No. 15 - Ano VIII - 1o. semestre de 1993.

militar, inclusive na parte final da Primeira Guerra Mundial. Com isso conheceu outras áreas e naturalmente enriqueceu suas experiências. Expressava-se em italiano correto e raramente utilizava o dialeto.

Profissionalmente meu pai foi comerciante durante quase toda a sua vida no Brasil. A exemplo de minha mãe, provinha de família da pequena burguesia da província. Embora proprietários de terras de cultivo, as famílias de meus pais dedicavam-se às mais diferentes atividades: pequenos comerciantes, proprietários de moinhos, farmácias e outras atividades. Não poucos foram profissionais liberais, médicos, por exemplo. Eram famílias católicas, muito religiosas. Daí o elevado número de frades, padres, freiras surgidos no seu seio. Mas também militares, e não poucos. Entre outras coisas, uma participação não descursável na vida política local. Um meu avô, e um meu tio, ambos por parte de mãe, foram síndacos, ou podestás, da comuna de San Nicola Baronia.

Em São Paulo minha mãe fez de tudo. Governou a casa, dedicou-se aos filhos, trabalhou arduamente — costura, tricô — para completar os salários de meu pai. Objetivos principais foram educação para os filhos e morar em casa própria. Foi realmente mãe extraordinária.

Meu pai, depois de tentativas como caixeiro-viajante na região de Ribeirão Preto, passou a trabalhar na Casa Italiana, uma loja que existia na Rua Direita, proximidades da Praça da Sé. Aí permaneceu quase toda a sua vida. Por volta de 1939 empreendeu negócio próprio e infelizmente não teve nenhum sucesso porque logo iniciou-se a Segunda Guerra Mundial, o comércio internacional praticamente paralizou-se, e as importações das quais dependia foram interrompidas. Por algum tempo trabalhou em banco.

Meus pais nunca tentaram retornar à Pátria. Na verdade não tenho idéia sobre eventual intenção deles nesse sentido. O relacionamento com a parentela na Itália foi sempre muito intenso. Foi interrompido durante os anos de guerra, 1939 a 1945, e retomado de forma menos intensa no após-guerra. Mais recentemente as relações com os parentes na Itália foram enriquecidas com maior intensidade.

Como afirmei, parece que não se pensava em voltar. Não que eu saiba.

Quando chegamos no Brasil, porto de Santos, meu irmão Giuseppe completou um ano de idade. Minha irmã Maria Divina nasceu em São Paulo, bairro da Ponte Pequena. Nenhum outro parente veio para o Brasil em todos esses anos para aqui radicar-se. Lembro-me apenas de uma dezena de pessoas, ou pouco mais, inclusive alguns parentes muito afastados, originários da mesma aldeia ou de aldeias vizinhas, que aqui se estabeleceram. Ninguém mais veio. Vários outros parentes emigraram como nós, mas dirigiram-se para

outras partes: ou para os Estados Unidos, antes da Segunda Guerra Mundial, ou para a Venezuela, depois da mesma guerra. Os que emigraram para os Estados Unidos não mais voltaram para a Itália e deles praticamente perdemos qualquer contato; os que emigraram para a Venezuela voltaram todos para a Itália.

GEOSUL - *Existia uma vida da colônia italiana entre vocês?*

Prof. Petrone - Na minha infância e adolescência cresci não me propondo objetivamente qualquer problema de italiano ou de brasileiro. Na verdade cresci no meio de italianos, antes de mais nada naturalmente com forte presença da família. Nos primeiros tempos somente empregávamos o italiano, ou o dialeto. Só mais tarde começamos a utilizar o português. Aprendi a ler antes o italiano. Lembro-me de meu pai pedindo que lesse alguns parágrafos do jornal "Fanfulla" para uma visita, demonstrando a precocidade do aprendizado da leitura. Os contatos com a vizinhança verificavam-se em grande parte com italianos ou descendentes, e isso verificou-se na Ponte Pequena e na Bela Vista, em Santana e em Cerqueira Cesar. Em consequência, em todas as partes onde moramos estabeleceram-se laços, em vários casos bastante duradouros, com famílias de origem italiana. Com genoveses e milaneses, com napolitanos e calabreses, vênnetos ou toscanos, foram numerosos. É evidente que foram muito numerosos também os relacionamentos com pessoas de outras origens.

GEOSUL - *Havia alguma data, festa, que reunia todos; algum círculo?*

Prof. Petrone - Não pertencemos a qualquer clube, com apenas uma exceção, éramos sócios do "Palestra Itália", porque gostávamos muito de futebol. Quando, por ocasião do período da Segunda Guerra Mundial o clube foi obrigado a mudar de nome deixei de ser sócio em sinal de protesto. Na ocasião de nada valeu o clube deixar de ser "Palestra Itália" e tornar-se "Palestra de São Paulo". Foi obrigado a mudar todo o nome.

Fiz todos os meus estudos elementares e médios em uma escola italiana, naquela que foi sem dúvida a principal escola italiana de São Paulo, o "Istituto Medio Italo-Brasileiro Dante Alighieri", atual "Colégio Dante Alighieri" e que por alguns anos, durante a Segunda Guerra Mundial, denominou-se "Colégio Visconde de São Leopoldo". Tive a ventura de ser acolhido por essa escola com uma Bolsa de Estudos, inclusive tendo sido aluno do Internato por alguns anos.

La Dante, como dizíamos, era uma escola italiana que, ao lado dos cursos elementares e médios (ginásio e liceu) válidos na Itália, mantinha também cursos elementares e médios segundo a legislação brasileira. Tive oportunidade de freqüentar os dois cursos até a 4ª série ginásial. Terminada a 4ª série deveria optar entre continuar o curso brasileiro freqüentando a 5ª série ginásial ou encaminhar-me somente para o curso italiano ingressando na 1ª série liceal, no caso, científico. Como já havia sido decidido que deveria retornar para a Itália para lá freqüentar a Universidade, com apoio de um meu tio materno, a escolha natural foi a de cursar o Liceu italiano.

Quando promovido para a 2ª série do Liceu, com a guerra e em consequência das posições assumidas por Brasil e Itália, o Colégio sofreu intervenção federal e os cursos italianos foram abolidos. A consequência pessoal foi que retornei a freqüentar o ginásio brasileiro, 5ª série, e em seguida a 2ª série do recém criado Curso Colegial Científico, depois do que, aproveitando uma oportunidade propiciada pela Universidade de São Paulo, ingressei na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

No Istituto Medio as festividades interessavam tanto as datas cívicas brasileiras quanto as italianas. A data mais significativa, na verdade utilizada como uma síntese, era o dia 21 de abril, quando festejava-se o dia de Tiradentes e o Natal de Roma, significativos para os dois países. Naturalmente eram celebradas outras várias datas, quer relacionadas com o Brasil em particular, quer relacionadas com a Itália.

Convém lembrar que estávamos na década de 1930. O Governo italiano era controlado pelo Partido Nacional Fascista, e dada a orientação desse partido, verificava-se uma vigorosa presença no exterior, especialmente onde existisse uma coletividade numerosa de origem italiana. Tal presença naturalmente era muito expressiva em São Paulo.

Na maior parte dos casos uma numerosa parcela da coletividade italiana de São Paulo recebia essa presença com inegável satisfação, até mesmo com alegria. Sob muitos aspectos tal presença como que redimia o imigrante: este não mais se sentia abandonado, como sempre fora, não mais se consideravam "pé-rapados", humilhados, "carcamanos" vítimas de preconceito. Sentiam-se originários de um país respeitado, e sentiam-se mais respeitados eles próprios. Acredito que não se trata de condições difíceis de compreender psicologicamente.

GEOSUL - No folclore, a respeito de tua vida, o pessoal diz que foste baila...

Prof. Petrone - Na década de 1930 na cidade de São Paulo existiam várias organizações que tinham o patrocínio formal italiano. Entre tais organizações parece-me merecer uma particular referência a extensão, aqui, da "organizzazione Nazionale Dopolavoro" (OND), cujas atividades parecem-me muito significativas. Organização voltada para os operários, para que, como o próprio nome indica, depois das horas de trabalho, pudessem dedicar-se ao lazer de toda natureza, inclusive esportivo. É evidente que ideologicamente tais organizações eram instrumentalizadas pelo regime dominante.

O fato é que o OND em São Paulo incentivou uma série de atividades, em particular esportivas. Algumas dessas atividades esportivas puderam ser incrementadas na cidade em grande parte devido ao papel dessa organização, como se verificou com o ciclismo.

Para as crianças, inclusive adolescentes, existia uma outra entidade, a "Organizzazione Giovanile Italiani all'Estero" (Organização Juvenil de Italianos no Exterior - OGIE). As principais atividades da OGIE eram também de natureza esportiva, em grande parte realizadas no próprio Istituto Medio Dante Alighieri. Já me referi, em outra ocasião, a um dos frutos mais significativos dessas atividades. Em meados da década de 1930 o Istituto Medio importou um elevado número de floretes, espadas e sabres. Na ocasião, quando da realização dos "saggi ginnici", apresentação de ginástica coletiva, além de argolas, bolas, garrafas de madeira e outros instrumentos, como era de uso, passou-se a empregar também espadas, floretes ou sabres. Daí muitas crianças e jovens, tanto rapazes quanto moças, passaram a interessar-se pela esgrima. O resultado final dessa iniciativa foi que vários campeões brasileiros de esgrima, e até mesmo campeões sul-americanos cresceram a partir da "palestra" — o ginásio — do Istituto Medio. Nesse conjunto todo naturalmente verificava-se uma presença não descurável do regime. E naturalmente era principalmente a juventude que gozava das maiores atenções. Esta passava a ser arregimentada nos quadros dos "Figli della Lupa" (Filhos da Loba), Balilas, ou Avanguardistas, dependendo da idade. Naqueles anos não foram poucos os jovens atraídos por esses quadros, sem que se perguntassem o que isso poderia significar. Na verdade tratava-se de alguma coisa muito atraente. Considerava-se extraordinário vestir a fardinha de tecido grosso, duro, com largo cinturão e alamares, apreciava-se enormemente o marchar, especialmente desfilar por ocasião das datas festivas. Em última análise a função das crianças, fardadas, era fazer parte das festas, ladear ingressos como guardas de honra, trabalhar nas barracas nas festas com tom de quermesses, etc.

A exemplo de muitas outras crianças naqueles anos da década de 1930 vesti a fardinha de balila. No fim da década tudo modificou-se, entre outras razões pelo fato do governo de Getúlio Vargas ter tomado uma série de iniciativas no sentido de "nacionalizar" as coletividades de origem não-luso-brasileiras. A proibição do emprego de outra língua que não a portuguesa foi apenas um aspecto, embora muito significativo, dessas iniciativas. A Segunda Grande Guerra trouxe um recrudescimento dessas iniciativas. Cabe deixar claro que para as pessoas que empregavam a própria língua materna, sem que por isso constituíssem uma ameaça à "segurança nacional", a proibição constituiu um seríssimo trauma cultural.

GEOSUL - *Podemos dizer então que a Guerra é que imprimiu uma direção na sua vida, porque até então o Sr. era um italiano no Brasil, com pretensões de concluir os estudos na Itália, e a Guerra é que vai fazer essa ruptura, e a sua vida muda a partir daí?*

Prof. Petrone - Mudou muito, inclusive porque como havia optado pelo Liceo italiano, sob certos aspectos, sob um ponto de vista pragmático, estaria perdendo meu tempo, dado que não apenas não tive condições de concluir o Liceo italiano mas, também, tive necessidade de voltar ao ginásio brasileiro para continuar estudando. Na verdade acredito ter ganho muito com a experiência do Liceo. De forma alguma lamento por esses anos só aparentemente perdidos. Mas o fato é que tive de voltar e necessitava tentar recuperar o tempo passado. Quando tomei conhecimento de que na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo naquele ano (1944) era possível prestar vestibular tendo concluído a 2ª série do Curso Colegial, apressei-me a prestá-lo. Realmente, em seguida essa possibilidade não mais se verificou.

GEOSUL - *Por falar nisso, se tivesse entrado, que curso você ia fazer lá? (Deve referir-se à Itália)*

Prof. Petrone - É possível que não me acreditem, mas o objetivo era ir para a Itália ingressar na carreira militar. O tio materno que ficara de orientar-me na época era Coronel do Exército, e seria ele a encaminhar-me para uma Academia militar. Pensando no que verificou-se e naquilo que não se concretizou, não lamento quer pelo que aconteceu, quer pelo que não se verificou. As condições daqueles momentos contribuíram para que os rumos da pessoa fossem definidos como o foram, não cabem lamentar ou exultar com isso. O importante é que, para ganhar tempo naquela ocasião acreditei que deveria ingressar na Faculdade.

Quero deixar claro que os cursos realizados por mim no Instituto Medio Dante Alighieri foram excelentes e nunca me cansarei de valorizá-los. Nesse conjunto de primeiríssima qualidade, entretanto, a disciplina de Geografia nem sempre esteve entre as melhores. Entretanto, um conjunto de condições que considero negativas permitiu algumas mudanças para melhor. Com a intervenção sofrida pela escola, os diretores foram forçados a deixá-la, os professores italianos foram dispensados e alguns foram presos, enfim, trabalhava-se para "nacionalizar". Na ocasião foram contratados alguns professores brasileiros e entre eles o Professor João Dias da Silveira para a disciplina de Geografia. E o Professor João Dias da Silveira entusiasmou-me, de tal forma que, embora pessoalmente tivesse muito mais interesse pela História, terminei por considerar a disciplina de Geografia com muito mais simpatia do que fizera até então. A influência do Professor João Dias da Silveira permitiu que me encaminhasse de vez para o então Curso de Geografia e História da Faculdade de Filosofia. Ainda assim, ingressei mais interessado em História que em Geografia. Foi somente durante a frequência do próprio curso que me voltei mais para a Geografia, de resto reencontrando o Professor João Dias ministrando a disciplina de Geografia Física.

Acredito que caiba ainda uma menção ao atual Colégio Dante Alighieri. Quando lá estudei, grande parte do professorado era constituída por italianos. As aulas, especialmente do currículo italiano eram ministradas no idioma italiano. Alguns professores eram brasileiros. Um deles era português. O Colégio, repito, era extraordinário. Eram ótimos os cursos e eram excelentes quase todos os docentes. Em casa tenho uma tela cujo tema é a Colheita do Café; seu autor é Fulvio Pennacchi, um toscano que se tornou figura das mais importantes entre os pintores no Brasil. Pennacchi foi docente do Dante Alighieri. Pennacchi pertenceu ao Grupo Santa Helena, de São Paulo, a exemplo de outro professor do Colégio, Mecozzi. Não se trata de relacionar nomes. Seriam muitos e este não é o momento. Trata-se tão somente de acentuar o fato de que na formação de milhares de estudantes esse colégio foi de extraordinária importância.

Depois de formado na Faculdade de Filosofia ingressei no Colégio Dante Alighieri na condição de professor, dedicando-me tanto à disciplina de História quanto à de Geografia. Ainda uma vez o Colégio Dante Alighieri foi importantíssimo para o recém licenciado em Geografia e História. Não sendo brasileiro nato, de conformidade com a legislação da época não me foi possível ingressar no magistério secundário oficial por não poder lecionar História ou Geografia do Brasil. Assim a única possibilidade foi a de ingressar em uma escola particular, e mesmo nessa escola, durante vários anos só me foi

permitido lecionar História ou Geografia Geral. O paradoxo está no fato de que em seguida passaria a lecionar na própria Faculdade de Filosofia para aqueles que seriam professores de Geografia do Brasil, e mesmo presidir pelo menos três bancas de Concursos de Ingresso para o Magistério Oficial do Estado de São Paulo. Permaneci na condição de docente do Colégio Dante Alighieri até o ano de 1961. Naquela ocasião, tendo obtido o grau de Doutor em Ciências (Geografia Humana) pela Faculdade de Filosofia da USP, onde já trabalhava desde 1953, fui obrigado a passar para o Regime de Tempo Integral. No Dante Alighieri deixei a condição de professor e passei a participar da Sociedade Civil "Colégio Dante Alighieri", mantenedora da escola, e da qual fui Secretário por cerca de 25 anos.

GEOSUL - Quais os professores da licenciatura que mais o impressionaram na Geografia e na História?

Prof. Petrone - No caso da História foi Jean Gagé, apesar de ter sido seu aluno por apenas um ano letivo. Ainda na História devo muito ao Professor Alfredo Ellis Júnior. Para Ellis Júnior os documentos não deviam ser considerados como elementos frios, mas no conjunto das condições em que emergiam. Ellis Júnior argumentava sempre e tal fato me atraía. No campo da Geografia foi sem qualquer dúvida o Professor Pierre Monbeig o docente que mais me impressionou. Claro, sem esquecer ainda uma vez o Professor João Dias da Silveira, sempre um bom professor e também um bom amigo, um professor extraordinariamente humano. O Professor João Dias da Silveira foi quem por primeiro julgou que eu deveria trabalhar na Universidade, naturalmente na disciplina de Geografia Física na qual cheguei a trabalhar por um ano letivo. É interessante o fato do Professor Pierre Monbeig ter exercido tão vigorosa influência no meu futuro como professor e pesquisador. O Professor Monbeig, por dever de ofício, cátedra de Geografia Humana, abordava problemas que, em particular devido às condições políticas da época, sensibilizavam a gente. O Professor Monbeig era francês, e numa época ainda de guerra ou de imediato pós-guerra, abordava assuntos, a exemplo de temas políticos ou de outros relacionados com as migrações, que não raro atingiam o aluno que nascera na Itália. Mas o aluno sentia que se tratava de um professor honesto antes de mais nada, e muitíssimo competente, e por isso o admirava.

Uma atitude do Professor Pierre Monbeig marcou-me profundamente, embora relacionada com algo relativamente pequeno e aparentemente sem importância. Pretenciosamente julgava-me conhecedor de Geografia Urbana, e particularmente conhecedor da cidade de São Paulo. Atrevi-me a escrever

sobre a cidade de São Paulo. Mais ainda, tive a pretensão de levar a massaroca manuscrita para apreciação por parte do Professor Monbeig, que naquele tempo morava no Jardim Europa. O professor não só me recebeu, mas leu todo o manuscrito e anotou as suas observações. Conservo até hoje as anotações juntamente com o manuscrito. Achei extraordinário o comportamento do professor e passei a respeitá-lo mais do que o respeitava antes. Teve um papel significativo na minha formação de geógrafo, ou de professor de Geografia, mas não apenas isso, seu papel foi muitíssimo importante para a minha formação em geral. Por isso mesmo tive um prazer realmente muito grande quando em nome da Universidade de São Paulo fui incumbido de saudá-lo por ocasião da outorga do título de Doutor Emérito que lhe foi conferido pela Universidade. Naquela ocasião a homenagem por mim prestada foi em nome da Universidade mas também em meu nome.

GEOSUL - *Dentro disso, acabou mudando da História para a Geografia, não é?*

Prof. Petrone - Realmente, sob o ponto de vista profissional defini-me pela Geografia. E foi no campo da Geografia que passei a trabalhar quer na Pontifícia Universidade Católica, quer na própria Universidade de São Paulo. De qualquer forma, em nenhum momento abandonei o interesse pela História. Mesmo quando terminei a licenciatura, depois de um ano de Especialização em Geografia voltei-me para Especialização em História. Infelizmente naquela ocasião os cursos não foram de molde a me entusiasmar e portanto não dei prosseguimento à iniciativa.

GEOSUL - *... e a Geografia brasileira acabou ganhando muito com isso.*

Prof. Petrone - Isso é muito discutível. O que posso dizer é que o fato de ter trabalhado um ano na então cátedra de Geografia Física e ter deixado esse trabalho agradecendo ao Professor João Dias mas declarando não ter condições para aquele campo; o fato de ter saído e posteriormente ter ingressado como auxiliar de Geografia Humana, em parte foi fruto da busca que fazia então. Não seria na Geografia Física que eu encontraria a possibilidade de estabelecer nas minhas atividades as relações com a História. Na Geografia Humana isso seria possível. Dessa forma, trabalhando em Geografia Humana, passei a dedicar-me, nas aulas e nas pesquisas, nas palestras e conferências, etc., a certos setores que tem vínculos mais ou menos estreitos com a História, quando não se confundem com a História. Por exemplo: não é possível falar em Geografia Política sem uma expressiva

presença da História; ou de Geopolítica; ou ainda de Geografia da Colonização, ou pura e simplesmente de Geografia Histórica. Obtive o título de Professor Livre-Docente com uma tese sobre os Aldeamentos Paulistas e ainda tenho sérias dúvidas sobre se essa tese é Geografia ou é História, não apenas pela temática, mas também e principalmente pelas técnicas de trabalho.

Na Faculdade de Filosofia, na época em que ingressei no Curso, a maioria das pessoas procurava o vestibular interessadas em História. Somente durante o curso muitos acabavam se interessando pela Geografia. Tal preferência ainda é muito nítida, como comprova a diferença numérica de candidatos para cada um dos cursos, Geografia e História.

Infelizmente a Geografia ainda não conseguiu anular de todo um certo preconceito que a cerca, e conseqüentemente não sai de seu casulo.

De uma feita, em Blumenau, depois de saber que eu trabalhava na Universidade, e na disciplina de Geografia Humana, um cidadão relacionou meu trabalho com biologia e até mesmo com anatomia. Não é muito difícil perceber como certos editores, sobre problemas agrários, por exemplo, apostam em obras escritas por sociólogos, antropólogos, economistas, e não sempre por obras escritas por um geógrafo. Esse tipo de problemas não se verifica com a História. De qualquer forma, parece que alguma coisa está se modificando. Recentemente tenho visto algumas obras geográficas publicadas, por exemplo, pela Editora Contexto de São Paulo. Acredito que embora lentamente está se verificando uma valorização maior do campo da Geografia.

GEOSUL - *E essa migração do aluno de História para Geografia naquela época, fazia com que houvesse mais dinamismo, mais trabalho de campo, discussão?*

Prof. Petrone - É muito simples, na verdade o curso de Geografia podia ser considerado muito bom.

GEOSUL - *No que a parte de Geografia podia ser considerada melhor? Nas excursões, no trabalho de campo?*

Prof. Petrone - Antes de mais nada, era melhor quanto ao relacionamento aluno-professor. Houve um certo momento — especialmente década de 1960 — em que todos os professores, especialmente os catedráticos, foram jogados num mesmo saco: foram considerados autoritários, tiranos, receberam alcunha de "rinocerontes", a liberdade de cátedra tendo sido considerada como instrumento de poder discriminatório por parte dos catedráticos. Não creio que se possa afirmar qualquer coisa

semelhante em relação aos catedráticos de Geografia. Naturalmente exerciam um papel ao qual sua condição de catedráticos não era estranha, porém sempre mantiveram com os estudantes um relacionamento muito estreito, fato importantíssimo para compreender a vida do Departamento de Geografia naqueles tempos. Exemplifico com um caso entre muitos. Eu tinha como colega de classe uma estudante de Londrina, no Paraná, Julieta Rufino. De passagem, convém lembrar que naqueles anos — década de 1940 — do total de 40 alunos da turma a que eu pertencia, tão somente 4 ou 5 eram da cidade de São Paulo. Dado que a colega Julieta poderia conseguir alguma facilidade para uma excursão ao Norte do Paraná, combinamos tomar a iniciativa de tentar organizá-la. Para esse fim entramos em contato com a Companhia de Terras Norte do Paraná e com outras entidades e pessoas de Londrina. Para dirigir a excursão convidamos o Professor Pierre Monbeig que, por sua vez, convidaria outros professores. Convém lembrar que naqueles anos o Professor Pierre Monbeig estava em plena atividade nas pesquisas para a elaboração de sua tese de Doutorado sobre Pioneiros e Plantadores de São Paulo, de forma que a excursão ao norte do Paraná, terra de expansão das frentes pioneiras paulistas, vinha de encontro às suas atividades. Na ocasião o Professor Pierre Monbeig convidou vários outros professores para participarem da excursão, entre eles o Professor Félix Rawitcher, a Professora Elina de Oliveira Santos, o Professor Otávio Barbosa, desde professores do Departamento de Geografia até professores do Curso de História Natural e da Escola Politécnica. O numeroso grupo de professores e alunos permaneceu cerca de um mês no Norte do Paraná. A viagem para Londrina foi efetuada de trem, da mesma forma que o retorno a São Paulo. A partir de Londrina, com a utilização de "jardineiras", foram visitadas muitas das cidades da região, a exemplo de Cambé, Rolândia e Apucarana, assim como núcleos mais modestos, a exemplo de Sabaudia; em meio à mata densa que então recobria aquelas terras o grupo chegou à clareira na qual estava surgindo Maringá — era o ano de 1948 — e em seguida, deixando as terras mais vermelhas e atravessando zonas arenosas atingiu a então Fazenda Brasileira onde surgiria a atual cidade de Paranaíba. Foi realmente uma excursão estupenda! Terminada uma jornada, em seguida ao jantar o grupo reunia-se, não importava onde, no meio do mato, em qualquer lugar, às vezes na claridade de um lampião, e discutia o que fora visto ou feito durante o dia. O Professor Monbeig propunha problemas suscitados pela experiência do dia e, com a maior liberdade os estudantes emitiam suas opiniões, seus "palpites", mesmo que em seguida se revelassem infelizes. Mas graças à sucessão desses "palpites infelizes" aqueles alunos puderam adquirir uma experiência não

descurável. Retornando a São Paulo, a lembrança da experiência vivida naquelas terras do Paraná permitiu que se pensasse na possibilidade de dar continuidade àquele tipo de atividade. Havia necessidade de um mínimo de organização e, em consequência, fundamos um centro de estudos que inicialmente deveria interessar tanto a Geografia quanto a História, e que se tornou o passo inicial do atual Centro dos estudantes de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Inicialmente denominou-se Centro de Estudos Delgado de Carvalho e em seguida passou a chamar-se Capistrano de Abreu.

Fui o primeiro Presidente do Centro de Estudos então fundado e portanto estive entre os seus fundadores. O Conselho do Centro foi integrado pelos Professores Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo e pelo então estudante do quarto ano, Aziz Nacib Ab'Sáber. O Secretário então eleito foi Walter George Durst, que em seguida deixou o Curso e dedicou-se com inegável sucesso a atividade relacionada com o teatro e a televisão, principalmente como compositor e diretor. Esse episódio, sobre o qual alonguei-me propositadamente, pode dar uma idéia do tipo de relacionamento entre todos, docentes e estudantes. No setor de História o docente que tomava iniciativas semelhantes à relatada era o Professor Alfredo Ellis Júnior, da então cátedra de História do Brasil. Eu mesmo tive a oportunidade de participar, sob a direção do Professor Ellis, de uma excursão às cidades históricas de Minas Gerais, e à cidade de Belo Horizonte. No setor de Geografia trabalhava-se muito. Desde o primeiro ano os estudantes eram orientados para a feitura de trabalhos, inicialmente de pesquisa bibliográfica, mas também de outra natureza. A partir de um certo momento definiu-se claramente um problema de sobrecarga de atividades. Para solução do problema definiu-se um padrão de comportamento segundo o qual, a partir do segundo ano o estudante do Curso de Geografia e História manifestaria sua preferência por História ou Geografia, ficando dessa forma desobrigado de uma série de atividades do conjunto de matérias que não escolhera. Os que manifestassem preferência por História, por exemplo, entre outras coisas ficariam desobrigados de participar dos trabalhos de campo. Na ocasião a maior parte dos estudantes manifestou interesse pela Geografia. Por ocasião da separação de Geografia e História, esta novamente passou a atrair um maior número de vestibulandos.

GEOSUL - *Essas experiências do período de sua formação universitária, a partir delas, como é que o Sr. vê a contribuição da AGB na sua formação, e qual a sua contribuição para a AGB?*

Prof. Petrone - Falar da contribuição pessoal é difícil e não me sinto à vontade para isso. De qualquer forma, devo dizer que tive a felicidade, quando freqüentava o segundo ano do curso, de ser convidado pelo Professor Pierre Monbeig a freqüentar as reuniões da AGB. Isso foi em 1945, quando as condições eram naturalmente bem diferentes das de 1990 ou 1991. Na verdade foi como se me tivessem dito que ganhara uma medalha de honra ao mérito. Considerava a AGB uma entidade que deveria reunir pessoas de grande capacidade, e eu me considerava decididamente ignorante. O fato é que desde muito cedo tive oportunidade de freqüentar a AGB. Naquele tempo a Associação dos Geógrafos Brasileiros reunia-se numa dependência da Biblioteca Pública Municipal, ou num dos prédios da então Faculdade de Filosofia. Freqüentei as reuniões, logo tornei-me sócio cooperador, tive oportunidade de participar das Assembléias promovidas pela Associação, nelas apresentar meus primeiros trabalhos, certamente com muitas insuficiências, e nelas naturalmente tendo sofrido sérias e merecidas críticas. O primeiro trabalho apresentado por mim foi sobre aspectos da evolução da cidade de São Paulo, na Assembléia realizada no Rio de Janeiro por volta de 1949. O relator indicado pela direção da Assembléia foi bastante severo com o que escrevera, dado que, segundo seu parecer, cometera a ousadia de considerar a evolução da cidade de São Paulo sem ter, antes de mais nada, abordado os aspectos relativos ao sítio urbano. Na ocasião minha única defesa — e de quem não tinha muitas condições para se defender — foi a de que meu objetivo fora tão somente estudar a evolução da cidade, e mais nada, dado que na oportunidade não tinha qualquer interesse pelo sítio urbano.

GEOSUL - O Sr. lembra quem foi?

Prof. Petrone - Foi o Lúcio de Castro Soares, que pertencia ao Conselho Nacional de Geografia. Apesar das severas críticas que me fez, tornou-se amicíssimo meu.

O fato é que nas Assembléias da AGB crescia-se realmente, e com uma vantagem não descurável, na medida em que os debates que nelas se verificavam ampliavam-se para o próprio Departamento de Geografia, e naturalmente para outras unidades. Os debates não se verificavam somente entre os mais experientes, "luminares", mas também entre os menos experientes, os alunos, os "pivetes" que delas participavam e entre "luminares" e "pivetes". O inexperiente perdia o receio de manifestar-se, inclusive de criticar (e naturalmente também o de dizer bobagens). Ao mesmo tempo, por intermédio das pesquisas de campo que se verificavam durante as Assembléias ganhava-se uma experiência fabulosa, aguçava-se a curiosidade que

gradativamente tornava-se "científica", conseguia-se desinibir em termos de relacionamento com pessoas, ganhava-se muito nas técnicas de entrevistar, isto porque participava-se de grupos de pesquisas nos quais sempre havia quem fosse mais experiente, que tomava iniciativas, orientava, a pessoa inexperiente vendo, ouvindo e aprendendo. Não foram poucas às vezes em que esse tipo de atividade foi objeto de crítica mais ou menos severa, em particular pelo fato de ser realizada em poucos dias. Considerava-se muito pretensioso pretender compreender determinadas realidades em tão pouco tempo. Acontece que em poucos dias, equipes integradas por 15 ou 20 pessoas, quando bem orientadas, podiam produzir muito. Alguns dos trabalhos realizados no esquema apontado não foram superados até hoje em relação a determinadas temáticas específicas. Esse tipo de trabalho indiscutivelmente teve utilidade e sua maior utilidade foi a de se constituir em uma formidável escola. Na verdade uma escola paralela à Universidade, não raro completando-a.

GEOSUL - *Se tinha mais liberdade? O Sr. sente falta desse tipo de atividade?*

Prof. Petrone - Peço permissão para eximir-me, não responder dado que há muitos anos já não mantenho contatos sistemáticos com a entidade, a não ser indiretos. O pouco contato que tenho tido com a Associação decididamente não é suficiente para que possa emitir qualquer juízo de valor sobre a natureza da atividade nela desenvolvida. Na verdade não tenho conhecimento direto de que faz a AGB no momento.

GEOSUL - *O que foi que levou o Sr. a aposentar-se?*

Prof. Petrone - É evidente que a questão da aposentadoria nada tem a ver com a AGB, mas como é lógico, com meu trabalho na Universidade. Na verdade cansei psicologicamente. Preparei-me durante cinco anos para aposentar-me. Organizei minhas atividades profissionais de tal forma que ao fim, por ocasião da aposentadoria, tivesse concluído tudo quanto cabia-me fazer. Entre outras coisas, por exemplo, desejava aposentar-me com todos os meus alunos de Pós-Graduação tendo concluído seus cursos. Errei com dois casos, dado que dois alunos somente concluíram seus cursos um pouco depois de minha aposentadoria. O primeiro caso foi o da Professora Irene Garrido Filha. Vivendo e trabalhando no Rio de Janeiro, dedicou-se a uma pesquisa que exigiu grande soma de trabalho, inclusive longas e estenuantes viagens, o estudo dos garimpos de cassiterita em Goiás. Foi na verdade com muita satisfação que esperei que a Professora Irene concluísse seu Doutorado

para em seguida deixar a Pós-Graduação. O segundo caso foi o do Professor Marcelo Martinelli, um professor-assistente do Departamento de Geografia da USP que, tendo sido atropelado na Cidade Universitária ficou hospitalizado por muito tempo e naturalmente foi forçado a adiar seu doutoramento sobre Comunicação Cartográfica e os Atlas de Planejamento. Somente depois desses dois doutoramentos, quando deixei o Curso de Pós-Graduação, é que efetivamente aposentei-me, ou seja, deixei de exercer qualquer atividade profissional na Universidade.

Optei por uma solução radical. Havia desenvolvido na Universidade uma atividade muito intensa, já desde o meu tempo de estudante. Não concebia a possibilidade de aposentar-me continuando, entretanto, a participar de determinadas atividades, a exemplo de Pós-Graduação. Não podia conceber uma semi-aposentadoria dado que tinha consciência de que não poderia ter qualquer participação em qualquer atividade sem dedicar-me intensamente, como sempre fiz. Naturalmente esse tipo de resolução implicou necessariamente outras atividades, a exemplo daquelas que no passado desenvolvera, por exemplo, junto à Associação dos Geógrafos Brasileiros. Da mesma forma, de resto, como implicou no abandono da direção do então Instituto de Geografia da USP.

GEOSUL - *Estiveste na liderança estudantil?*

Prof. Petrone - Tive intensa participação na vida política estudantil. Entre outras coisas fui Presidente do então Grêmio da Faculdade de Filosofia e inclusive um dos fundadores da União Estadual dos Estudantes, mesmo porque fui Secretário Geral do I Congresso Estadual dos Estudantes, conclave no qual a União Estadual foi fundada.

GEOSUL - *Em que ano foi isso?*

Prof. Petrone - Foi em janeiro de 1949.

GEOSUL - *Convive-se com quem nessa época?*

Prof. Petrone - Rogê Ferreira foi o primeiro Presidente da União Estadual dos Estudantes. Eu poderia ter ocupado uma posição razoável na primeira diretoria, tanto que durante o Congresso o único cargo permanente, o de Secretário Geral foi ocupado por mim. O cargo de presidente das sessões do Congresso foi ocupado em rodízio pelos presidentes dos vários centros acadêmicos. Os estudantes obedeceram à risca uma disposição getulista segundo a qual em determinadas instituições somente brasileiros natos poderiam ser presidentes, tal disposição tendo sido incluída nos Estatutos.

Mas com muita frequência as coisas são paradoxais. Por ocasião do II Congresso dos Estudantes foi eleito para Presidente da UEE o então Presidente do Centro Acadêmico Oswaldo Cruz, da Faculdade de Medicina da USP. Na ocasião tornei-me vice-presidente, tendo sido apresentado pelas duas chapas que concorreram nas eleições. Durante não pouco tempo o Presidente ausentou-se do país e em consequência assumi o exercício da presidência. As disposições estreitamente nacionalistas dos Estatutos de nada valeram.

GEOSUL - Nesse momento existia esquerda, direita, centro, etc.?

Prof. Petrone - Existia, quer no nível estadual, quer no federal. Participei no mínimo de três Congressos da União Nacional dos Estudantes e tive oportunidade de conhecer alguma coisa nesse sentido.

Cabe lembrar que se estava ainda nos anos próximos do imediato após-guerra e que, portanto, politicamente muita coisa refletia as consequências de guerra, à esquerda era representada mais vigorosamente pelo Partido Comunista, com sua "linha justa", a que permitiu, por exemplo, que Luiz Carlos Prestes e Ademar de Barros promovessem comício conjunto no vale do Anhangabaú. Eram as esquerdas, especialmente o PC, que promoviam os Congressos Pró Paz, que se realizavam em toda parte. Correntes liberais eram bastante importantes. No seio das universidades era muito significativa a presença da Juventude Universitária Católica (JUC). Pessoalmente recusei-me sempre a assumir qualquer tipo de compromisso com qualquer partido político. Recusei-me sempre a enquadrar-me. Creio ser um direito o negar-se a pautar as próprias ações necessariamente segundo o catecismo deste ou daquele partido. Naqueles tempos de ativa vivência política estudantil os rótulos se sucederam de conformidade com as condições do momento, com as posições assumidas e mesmo com a forma de ver de cada um. Dessa forma era possível ser considerado ora anarquista, ora comunista, até mesmo reacionário. No meu tempo de estudante tive excelentes relações com pessoas pertencentes a diferentes credos políticos. Tive excelentes relações com a JUC, organismo que conheceu fases de "inocência útil" e outras marcadamente conservadoras. Um episódio pode ser ilustrativo de como era pautado o meu comportamento e de outros colegas, face a determinadas condições políticas da época. Como disse, naqueles anos realizavam-se os Congressos Pró-Paz, nos vários Estados do país. Os congressos locais indicavam delegados para os congressos estaduais, dos quais saíam os delegados para congressos nacionais. Finalmente, definiam-se delegados para um Congresso Mundial Pró-Paz, realizado normalmente em uma cidade de um país comunista europeu, Praga, por exemplo. Por ocasião da realização do I Congresso Pró-Paz na cidade de

São Paulo, que teve lugar nas dependências de um circo no bairro da Liberdade, o Grêmio da Faculdade de Filosofia promoveu Assembléia Geral para decidir sobre sua participação, dado que fora convidado oficialmente. A tendência inicial era a de não participar tendo em vista que se tratava inegavelmente da iniciativa com vigorosa conotação com o Partido Comunista. A intenção era justamente a de não se alinhar com esse partido, da mesma forma como não se desejava alinhamento com qualquer outro partido. Naquela Assembléia julguei necessário intervir em favor da participação com o argumento, quem sabe de sonhador, de que as resultantes das atividades do Congresso evidentemente seriam as decorrentes das decisões nele tomadas e que, portanto, teriam estas ou aquelas direções de conformidade com as tendências das pessoas presentes que votassem depois de participarem dos debates. O argumento convenceu e o Grêmio da Faculdade de Filosofia participou com uma delegação integrada por gente de tendências muito diferentes, inclusive comunistas. A participação da delegação do Grêmio da Faculdade de Filosofia, foi indubitavelmente positiva, dentro do espírito de que um congresso Pró-Paz não deveria ser faccioso, tendencioso, de partido, mas expressão de uma aspiração universal, de todos. O fato é que eu mesmo fui incluído na delegação de São Paulo junto ao Congresso Nacional Pró-Paz.

GEOSUL - *O Aziz fez militância estudantil?*

Prof. Petrone - Fez, não com exagero, mas fez...

GEOSUL - *Quais as leituras principais que contribuíram para a sua formação nessa época? Marx, por exemplo, que os comunistas falavam mas não liam (normalmente).*

Prof. Petrone - Posso afirmar ter lido muita coisa de Marx, mas nunca li completamente *O Capital*, por exemplo. Na verdade minhas leituras sempre foram extremamente diversificadas, até mesmo caóticas. Assim como lia Marx, lia Ratzel. As leituras diversificadas, sem uma orientação precisa, na verdade eram uma decorrência das dúvidas que sempre me propunha, do fato de que não ficava facilmente convencido do que lia. O que não me impediu de dedicar todo um curso de um ano letivo sobre a Antropogeografia de Ratzel, curso extremamente simples, fundamentado na leitura e interpretação de texto. Uma das grandes preocupações que tive por ocasião do ingresso na Universidade foi com a compreensão do significado de Determinismo e Possibilismo. Era determinista convicto. De resto, nem sempre consegui separar a questão científica do fato de que se confundia escola determinista com geografia alemã e escola possibilista com geografia francesa.

GEOSUL - *Seu curso passava um pouco isso, o confronto entre as duas escolas?*

Prof. Petrone - Esse problema estava sempre em jogo. E ao ler Ratzel concluí que a interpretação que geralmente era dada à sua produção era falsa. Evidentemente Ratzel era determinista, porém não da forma simplista com que essa sua posição era colocada. Lendo em Ratzel, por exemplo, que nos dois lados do estreito de Bab-el-Mandeb, na África Oriental, as condições físicas são praticamente idênticas, porém os processos humanos foram radicalmente diferentes, concluía que o autor não poderia ser considerado o determinista limitado de que se falava.

GEOSUL - *O Sr. chegou a publicar algum estudo sistematizado sobre Ratzel?*

Prof. Petrone - Não, porém foi um dos temas privilegiados de discussão por ocasião de minha defesa no Concurso para Professor Titular junto ao Departamento de Geografia. Naquela ocasião fui especificamente arguido sobre Ratzel.

Na verdade, em particular durante o tempo de estudante, lia de tudo, sem qualquer disciplina e sem qualquer preocupação científica. Lia Ratzel e Spengler, Luiz Edmundo e seus trabalhos sobre o Rio de Janeiro e os viajantes estrangeiros que percorreram o Brasil no século passado, um tratado de Oceanografia e um almanaque da Província de São Paulo de fins do Império, confesso que em não poucos casos o meu interesse pelo almanaque foi decididamente muito grande. Praticamente li toda a obra de Maximiliano Sorre, que considero como sendo uma das personalidades mais extraordinárias da Geografia. Sorre não resolveu todas as questões que a ciência geográfica propõe, mas creio ter sido um dos geógrafos mais ricos, mais sérios de maior erudição entre quantos se destacavam nesse campo. Sinto que não continue sendo lido com a mesma atenção pelas gerações mais novas. Quem sabe porque não foi quantitativo ou teórico, ou porque não foi estruturalista ou ainda porque não foi marxista. Em determinados momentos da evolução do pensamento geográfico percebe-se a valorização de "modismos" científicos e tais modismos excluíam Sorre.

GEOSUL - *O seu trabalho acadêmico, as suas aulas, a sua pesquisa, o Sr. teve uma participação importante na orientação, fez uma centena de trabalhos, dissertações...*

Prof. Petrone - Convém não exagerar. O total de teses de Doutorado e dissertações de Mestrado elaboradas sob minha orientação deve ter sido pouco superior a meia centena.

GEOSUL - Passou bem perto, e certamente o Sr. tratou gente de todo o Brasil para essa orientação e pessoas que hoje trabalham na Geografia passaram por essa orientação e o Sr. poderia dizer que clientela que o Sr. pegou e que trabalhos foram esses, os de maior expressão?

Dentro disso, linhas de orientação, temáticas, tu tiveste pessoas que consideraste com resultado melhor, te entusiasmares por determinados resultados, orientandos?

Prof. Petrone - Não me parece fácil responder a essas questões. Tive realmente determinadas preferências temáticas, relacionadas a estudos de Geografia Urbana, porém foram meramente tendências. Sempre tive muita dificuldade, por exemplo, quando solicitado a definir linhas de trabalho junto a organismos como CNPq, CAPES e outros. Isso verificou-se antes de mais nada tendo em vista que prioritariamente impunha-se o respeito à tendência do orientando. Se este se interessava por temas que em qualquer momento haviam interessado a mim, esse fato não tinha a menos importância. Evidentemente, desde que me considerasse em condições de prestar minha orientação. Daí o fato de que, os temas tratados por meus orientandos serem extremamente diversificados. Esse talvez seja um referencial para perceber que não tenha me prendido especificamente a uma temática. Há pouco referi-me à Professora Irene Garrido Filha cuja tese de Doutorado refere-se à exploração das jazidas de cassiterita em Goiás. O Professor Juergen R. Langenbuch, por outro lado, obteve o título de Doutor com tese sobre a estruturação da Grande São Paulo. Seu trabalho foi editado pelo Conselho Nacional de Geografia, sendo importante recurso bibliográfico não apenas para geógrafos mas também para arquitetos e especialmente urbanistas. Antonio Olivio Ceron elaborou tese voltada para a Geografia Agrária, enquanto Fernando Salgado escreveu sobre Colonização. De qualquer forma, a relação é longa e não cabe aqui.

Antonio Pedro de Souza Campos, do Rio de Janeiro, doutorou-se com tese sobre a questão dos Estudos Sociais. O trabalho inseriu-se no conjunto de atividades no sentido de combater a introdução de Estudos Sociais no currículo das escolas médias em lugar de Geografia e História. Naquele tempo estava empenhado na luta contra os Estudos Sociais no ensino secundário e portanto foi com satisfação especial que aceitei orientar esse doutorado. Quero deixar claro que minha posição era contrária à substituição de

Geografia e História por Estudos Sociais, e não à interdisciplinaridade, que considero pedagogicamente extremamente importante.

Tive ocasião de orientar uma série de trabalhos, mestrados e doutorados, voltados para temas relacionados com a periferia da Grande São Paulo. Daí estudos sobre Embu, Itaquaquecetuba, Cotia, Santana do Parnaíba, este último terminando por ser defendido na França, Caieiras e outros mais. Dentro das mesmas tendências foram elaborados dois estudos sobre localidades de periferia de Porto Alegre no Rio Grande do Sul, assim como o estudo sobre Itaboraí, na grande periferia do Rio de Janeiro.

Na relação dos estudos referidos, a maioria interessa o mestrado, a maior parte tendo sido elaborada por estudantes de Pós-Graduação vindos de outras partes do país.

Muitos dos pós-graduandos vindos de outros Estados chegavam sem qualquer idéia do que poderiam ou desejariam fazer. Nesses casos espunha a eles um quadro relativo aos estudos dos cinturões periféricos das grandes metrópoles, inclusive sugerindo que lessem roteiro sobre o tema que escrevera e publicara pelo Instituto de Geografia, e na medida em que se interessassem então seriam encaminhados para esse tipo de estudo. Vários desses trabalhos foram elaborados por estudantes originários da Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, poucos por pessoas de São Paulo. Evidentemente que sem qualquer intenção discriminatória, o fato é que algumas dessas pessoas chegavam a São Paulo com insuficiências de formação, fato que implicava um particular tipo de relacionamento quanto à orientação científica.

Tive a satisfação de participar da orientação de trabalhos de grande qualidade. Por exemplo, o trabalho de Ariovaldo Umbelino de Oliveira sobre a teoria de Von Thunen, excelente arrazoado crítico, lamentavelmente inédito até agora. Alguns excelentes trabalhos foram publicados, a exemplo do já referido trabalho de Juergen Langenbuch, ou do doutorado de Fernando Fonseca Salgado. Mas uma particular satisfação foi trabalhar com as pós-graduandas do Nordeste, por exemplo, porque embora quase sempre com mestrados e não doutorados, em certos casos puderam representar mais que muitos outros trabalhos. Essas pessoas realmente tive oportunidade de ver crescer cientificamente. Tiveram sérios obstáculos por superar e mesmo assim conseguiram resultados satisfatórios. Seus trabalhos são tão importantes, segundo meu modo de ver, quanto outros que conseguiram maior repercussão nos meios científicos.

GEOSUL - *O Sr. não se considera um formador de escola dentro da Geografia?*

Prof. Petrone - Não, de jeito nenhum.

GEOSUL - *E quem o Sr. apontaria, existe alguém, digamos, dentro do pessoal mais antigo ou atual, de Geografia que tenha formado um certo grupo de discípulos dentro do seu pensamento?*

Prof. Petrone - O Professor Aziz Nacib Ab'Sáber, eu creio. Em Geomorfologia ele orientou muita gente. Recentemente, o Professor Milton Santos tem exercido influência sobre muita gente, definindo-se um corpo de pessoas que se orientam segundo sua produção.

GEOSUL - *O teu trabalho de doutoramento foi orientado por quem?*

Prof. Petrone - Foi o estudo "A Baixada do Ribeira: Estudo de Geografia Humana", orientado pelo Professor Ary França.

GEOSUL - *E você acha que alguns autores te influenciaram de maneira mais ou menos forte pra esse trabalho?*

Prof. Petrone - Não particularmente, e se houve alguma influência, foi de um leque tão grande que seria realmente difícil especificar. Mais importante, creio, foi participar de excursões na região sob a orientação do Professor João Dias da Silveira.

Na verdade foi a região que exerceu forte atração, entusiasmei-me com ela. Não saberia dizer se a experiência foi realmente positiva, se na ocasião fiz bem; tenho sérias dúvidas sobre as conclusões a que cheguei, e não só, tenho absoluta certeza de ter cometido enganos sérios em algumas conclusões; deveria ter pensado melhor. Mas isso é parte do jogo.

GEOSUL - *Me parece que a grande referência na sua formação é o Lumelli(?), mas no seu ciclo acadêmico, tem pessoas que o Sr. lembra que foram importantes, no trabalho de colegas, Nice Lecoq, o Carlos Augusto, o que essas pessoas trazem de referência, lembranças do círculo acadêmico?*

Prof. Petrone - Importantes para a minha atividade acadêmica foram, antes de mais nada, os alunos. Parece paradoxal, afinal não são os professores que influenciam os alunos?, mas não é. A vivência com os alunos, os desafios que nascem na sala de aula e os problemas surgidos a partir da própria realidade de cada aula, é o mais importante. Entre os alunos, não poucos dos quais tornaram-se colegas (o Professor Armem foi um deles), tive sempre uma

vivência razoável. Com o tempo as relações tornam-se menos frequentes, o que se verificou também com o Professor Armem. Mas depois de vários anos após a formatura daquele que fora meu aluno, tendo vindo a Florianópolis para coletar dados relativos às pequenas propriedades dos municípios de Ibirama, Presidente Getúlio, Dona Emma e Witmarsum, o Professor Armem que já trabalhava na Universidade Federal de Santa Catarina foi de uma gentileza extraordinária. Naquela ocasião dedicou-se inteiramente a ajudar-me em tudo que lhe foi possível. Creio que fatos como esse têm uma importância realmente muito grande. Foram muitos os alunos que se tornaram meus colegas, e com os quais trabalhei inegavelmente com muito proveito. Um deles foi o Manoel Fernando Gonçalves Seabra, com o qual trabalhei muito, especialmente fora e dentro do velho Instituto de Geografia da USP. Outro ex-aluno em seguida colega e amigo, foi Nelson de La Corte, e ainda o Gil Sodero de Toledo, a Judith de La Corte. Foram muitos, pessoas com as mais diferentes tendências, na ciência e na política. Não poucos foram meus orientandos, e dos demais, não poucos foram examinados por mim nas defesas para Doutorado ou Mestrado. Importantíssimos foram os próprios colegas do Departamento de Geografia, a exemplo de Nice Lecoq Müller, José Ribeiro de Araújo Filho, Aziz Nacib Ab'Sáber ou Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro. Seria muito difícil definir o papel de cada um deles, sua natureza, dado que a influência de cada um se verificava na vivência do cotidiano, nas mais diferentes condições.

GEOSUL - *Como é que o Sr. vê o trabalho do Carlos Augusto na USP, na Climatologia do Brasil, na questão ambiental?*

Prof. Petrone - Trata-se de um trabalho fundamental, é a única coisa que posso afirmar. Apenas lamento que tal trabalho não tenha aproveitamento no nível em que merece. Se se tratasse de um sociólogo, ou de um historiador, seria diferente. Acredito que como Climatólogo, no campo da Geografia, o Professor Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro é a pessoa de maior expressão no país. Com sua aposentadoria abria-se um vazio que será difícil preencher.

GEOSUL - *Dá pra dizer que ele criou uma escola?*

Prof. Petrone - Sim, bastando pensar nos muitos geógrafos que foram fortemente influenciados por ele nas suas formações, a exemplo de Augusto Humberto Vaire Titarelli, José Roberto Tariffaou José Bueno Conti. O importante é que seus alunos, por sua vez, estão formando outros

pesquisadores, quer através de orientação para doutorado ou mestrado, quer por intermédio de outras atividades de pesquisa.

GEOSUL - O Sr. trabalhou com publicações com o Professor Aroldo de Azevedo, e há uma coleção, O Brasil, a Terra e o Homem, dois volumes, um com a parte física, até o Carlos Augusto teve uma participação, e um com a parte humana, e o senhor trabalhou nessa parte humana?

Prof. Petrone - Trabalhei, elaborando o capítulo relativo ao povoamento e colonização do país.

GEOSUL - Como é que vocês faziam, cada um produzia seu texto independentemente e isso passava pelo crivo do Professor Aroldo?

Prof. Petrone - Convém ter em mente que participei de várias pesquisas desenvolvidas em trabalho em grupo. Posso referir como exemplo o trabalho "A Cidade de São Paulo, Estudos de Geografia Urbana", editado pela Companhia Editora Nacional no ano de 1958, ou ainda "A Baixada Santista", obra editada pela Editora da Universidade de São Paulo. "Pinheiros, Estudo geográfico de um bairro paulistano", também foi obra de um grupo de pesquisadores, e também foi publicada pela Editora da Universidade de São Paulo. Minha participação foi diferente em cada caso. Nos dois primeiros casos referidos fui um dos colaboradores. No caso de Pinheiros fui o coordenador e relator.

O Professor Aroldo de Azevedo foi o coordenador das atividades relativas aos dois primeiros casos citados.

É evidente que nos trabalhos realizados em equipe, é necessário que alguém exerça uma liderança, sem o que a atividade torna-se inviável. Cabe a participação de todos, é evidente, todos devem intervir, emitir pareceres, apresentar sugestões, inclusive debater os problemas que forem surgindo, mas alguém deve orientar e, na pior das hipóteses, coordenar. Sob tal aspecto o Professor Aroldo de Azevedo sempre trabalhou de forma, extremamente positiva, dado que sua coordenação se verificava com uma grande participação de todos. Discutia-se em grupo o que fazer de forma a atingir aquele que fosse considerado o melhor resultado, verificava-se a distribuição de tarefas em seguida, cada um dos pesquisadores gozando da maior liberdade quanto ao modo de conduzir seu trabalho. Posteriormente, não raro em seguida à apresentação dos resultados do trabalho de cada um para o grupo, o relator e coordenador tomava a liberdade de dar à redação um mínimo de uniformidade, sempre com a consulta ao responsável, e com sua anuência, e

sem qualquer constrangimento. Tive a felicidade de fazer entrega dos originais e vê-los publicados praticamente da mesma forma que os entreguei. Quando se vê o livro editado, não se imagina o número de vezes que os diferentes autores estiveram reunidos, a intensidade dos debates, e mesmo as dificuldades para chegar-se a determinadas soluções.

GEOSUL - *Esse trabalho a que eu me referi, é também um trabalho de geógrafos do Rio de Janeiro, não só da Universidade de São Paulo, não é?*

Prof. Petrone - Não, não era só da Universidade de São Paulo.

GEOSUL - *Esse vínculo era muito forte, não? Revolucionaram bastante o sistema de trabalho.*

Prof. Petrone - No caso das relações entre geógrafos de São Paulo e geógrafos do Rio de Janeiro verificou-se o seguinte. Inicialmente existia simplesmente uma ignorância mútua: uns pouco sabiam das atividades dos outros. Na medida em que o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) começou a publicar "Revista Brasileira de Geografia" e o "Boletim Geográfico", os geógrafos de São Paulo passaram a conhecer mais de perto o que faziam os geógrafos cariocas. Logo o relacionamento entre uns e outros enriqueceu-se, enriquecendo-se ao mesmo tempo um indisfarçável rivalidade entre eles — estava-se no início e meados da década de 1940. São Paulo tinha a sua Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, mas o Rio de Janeiro já contava com sua Faculdade Nacional de Filosofia. São Paulo fundara uma Associação dos Geógrafos Brasileiros, inicialmente restrita somente aos geógrafos paulistas, porém o Rio de Janeiro sediava um organismo extremamente importante, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística no seio do qual organizara-se o Conselho Nacional de Geografia. Paradoxalmente, um país que praticamente ignorava a Geografia para tudo, mantinha uma entidade oficial voltada especificamente para a Geografia. De passagem cabe lembrar que praticamente nos mesmos anos São Paulo e Rio de Janeiro receberam a colaboração inestimável de professores estrangeiros, especialmente franceses e alemães.

A maior aproximação entre os dois grupos de geógrafos verificou-se a partir de um ato formal de entendimento. A união se fez não através de um organismo oficial como o CNG, mas por intermédio de uma entidade particular, a Associação dos Geógrafos Brasileiros. A AGB tornou-se efetivamente uma entidade nacional, e em consequência logo definiram-se as duas primeiras secções regionais, a de São Paulo e a do Rio de Janeiro. A

partir desse momento o intercâmbio entre geógrafos dos dois centros passou a ser muito rico. Lembro-me muito bem, por exemplo, da Assembléia Geral realizada em Nova Friburgo, no Estado do Rio de Janeiro, quando vi um grupo numeroso de jovens de minha idade, e de menos jovens, carregados de publicações do Conselho Nacional de Geografia, adentrar o modesto salão de reuniões, distribuindo-as para os presentes. Era o primeiro contato com geógrafos que se tornariam bastante conhecidos e respeitados: entre outros, Nilo Bernardes, Orlando Valverde, Dora do Amarante Romariz, Elza Coelho de Souza Keller, Nídea Maria Cavalcanti Bernardes. Iniciou-se então uma colaboração muito intensa, com mútua emulação, significando também uma certa rivalidade, porém uma rivalidade sadia. São Paulo passou a publicar o "Boletim Paulista de Geografia" e logo mais o Rio de Janeiro distribui o "Boletim Carioca de Geografia". A iniciativa acabou por conseguir os geógrafos de outros Estados, onde as novas seções regionais proliferavam: "Boletim Paranaense de Geografia", e mais o gaúcho, o mineiro, o bahiano. Nem todos tiveram vida longa. Alguns surgiram e viveram pouco depois de publicados alguns números. O de São Paulo, que continua sendo publicado, foi sem nenhuma dúvida o mais regular. Por outro lado, as tendências dessas publicações eram as mais diversificadas. O "Boletim Paranaense de Geografia", por exemplo, dedicava-se basicamente à publicação de trabalhos voltados para a geologia, sedimentologia, dadas as especializações de seus colaboradores e dirigentes, entre os quais José Bigarella. Mas o fato é que o conjunto dessas iniciativas resultou em uma extraordinária riqueza de trabalhos, resultados excelentes e foi dessa forma que se tornaram possíveis os trabalhos em equipe. Foi dentro das condições apontadas que se tornou passível a elaboração das pesquisas sobre a Bacia Paraná-Uruguai, de responsabilidade da Associação dos Geógrafos Brasileiros, de inegável valor científico, que teve a colaboração de geógrafos de várias partes do país e patrocínio e resultados publicados pela Comissão Interestadual da Bacia Paraná-Uruguai. Entre os colaboradores estavam João Dias da Silveira e Ary França, de São Paulo, José Veríssimo da Costa Pereira do Rio de Janeiro, Manoel Correia de Andrade e Mário Lacerda de Melo, de Pernambuco. Lembro-me quando a Associação dos Geógrafos Brasileiros recebeu pela primeira vez os geógrafos pernambucanos. Foi na Assembléia de Cuicabá: Mario Lacerda de Melo, Gilberto Ozorio de Andrade, Tadeu Rocha, todos eles passando a ter presença significativa no conjunto das atividades geográficas no Brasil.

O Professor Aroldo de Azevedo tinha muito orgulho da produção dos geógrafos de São Paulo. Chegou a afirmar que em São Paulo definira-se uma

"Escola Paulista de Geografia", inclusive tendo escrito a respeito. Creio ser muito difícil falar na existência de uma escola paulista de Geografia. Parece-me até mesmo discutível a própria idéia de uma "escola francesa" ou uma "escola alemã" de Geografia, como normalmente admite-se. Como incluir num mesmo quadro geógrafos como Vidal de La Blache e Camille Valois? A não ser que se considere que franceses, ou alemães, puderam pertencer a escolas alemã ou francesa, invertendo-se tudo. De qualquer forma, apesar de ser "paulistanismo", o Professor Aroldo de Azevedo procurava os cientistas de outros Estados para as suas iniciativas de realização de pesquisas em equipe. Acredito que a produção resultou desse tipo de atividade não merece ser descurada. É evidente que essa produção coletiva, ou produção fruto de trabalho em equipe, como qualquer outra produção, caracteriza-se pelo distintivo do tempo em que foi realizada, do lugar em que se verificou, das pessoas que delas participaram, e que certamente hoje não seriam conduzidas dentro dos mesmos parâmetros. Muitos de seus resultados certamente mereceriam sérias discussões, mas tal fato não invalida o seu significado científico.

GEOSUL - Nessa questão que o Sr. está colocando sobre a colaboração do Aroldo de Azevedo, hoje muitos autores que estão no mercado editorial criticam a sua contribuição.

Prof. Petrone - Creio que na verdade a questão é bastante simples: cada um quer vender o seu peixe. Hoje, bem mais que no passado, livro didático para os cursos secundários é uma mercadoria, e creio que não cabem dúvidas a respeito. Existe o mercado e naturalmente, quer quem escreve, quer quem edita, quer ter seu quinhão nesse mercado, quanto maior melhor. É natural que o autor procure valorizar seu produto...

GEOSUL - Se tem qualidade ou não...

Prof. Petrone - Acredito que seria melhor se cada um se limitasse a propagar o que é seu, na medida do possível, já que se trata de conquistar mercado, sem que para isso seja necessário desfazer ou menosprezar o que foi produzido por outro ou outros. Cabe não esquecer que Aroldo de Azevedo foi um dos mais sérios autores de livros didáticos de Geografia, além daquele que o antecedeu de vários anos, Delgado de Carvalho, e de alguns outros poucos, a exemplo de Maria Conceição Vicente de Carvalho cuja obra didática não permaneceu, talvez porque muito avançada pedagógica e cientificamente, ou de Alfredo Ellis Júnior, autor de bons livros didáticos de Geografia, inclusive de Geografia Econômica. Este último autor infelizmente não tem sido

lembrado como merece, talvez porque nos seus trabalhos revela uma tendência mais ou menos nítida de natureza determinista.

Atualmente não tenho conhecimento suficientemente bom de quais os livros didáticos de Geografia oferecidos no mercado, e em consequência, não tenho qualquer possibilidade de emitir parecer a respeito de qualquer um deles. Porém, não creio ser correto menoscar uma obra que, quer queiramos ou não, nos agrada ou não, fez muito pela difusão de uma Geografia abordada sob prisma mais científico. Afinal, os autores atuais não nasceram do nada, eles se originam daqueles que os antecederam e, na pior das hipóteses, originam-se da contradição de um nascimento fruto da oposição ao pensamento dos que os antecederam.

GEOSUL - *O Aroldo usava muito, eu acho, copiar autores como De Martonne; o livro de Geografia Física, para o segundo ano de Colégio, era ótimo, mas uma cópia de De Martonne.*

Prof. Petrone - Creio que se tratava de livro muito apoiado em De Martonne, mas nesse sentido acabava sendo um bom livro.

GEOSUL - *Mas eu me recordo de uma observação do Aziz, que tendo uma vez escrito sobre pobreza, não lembro mais aonde, e o Aroldo o procurou e disse: "Olha, você está sendo meio subversivo escrevendo sobre isso", acho que o Aroldo tinha um lado conservador muito forte, você não acha?*

Prof. Petrone - O Professor Aroldo de Azevedo era uma pessoa conservadora, de formação conservadora, e tal fato refletiu na sua produção. Inclusive pela sua origem familiar, barões do café do Vale do Paraíba — Lorena — expressava uma posição conservadora que efetivamente pode ser objeto de crítica.

GEOSUL - *Ele não exercia um certo paternalismo aristocrático, uma espécie assim de mandarinato?*

Prof. Petrone - Pode ser que esse tipo de comportamento se tenha verificado, porém pessoalmente nunca senti qualquer tipo de manifestação nesse sentido. Eu sempre trabalhei em outra disciplina. Iniciei em Geografia Física e fiz carreira acadêmica em Geografia Humana. Mas também sempre tive uma participação intensa na vida do Departamento, e portanto tive oportunidade de vivenciá-lo bem de perto. Recentemente escrevi um pequeno trabalho justamente sobre o Departamento de Geografia, no primeiro número da "Revista do Departamento de Geografia", talvez a primeira publicação

relativa às origens do Departamento. Talvez seja um dos mais antigos departamentos da Universidade, certamente o mais antigo da Faculdade de Filosofia. No Departamento, os professores catedráticos não raro abdicaram de seus privilégios em favor do Departamento. E muito cedo concordaram com a presença de uma importante representação dos alunos no conjunto das atividades departamentais. Quando em São Paulo, em fins da década de 1960, os estudantes da Universidade entre muitas outras coisas reivindicavam o direito à representação de 1/3 junto aos órgãos da Universidade, o Departamento de Geografia já contava, desde o início da década, com uma representação discente muito superior a essa reivindicação. Em determinadas reuniões a representação dos alunos chegou a representar 50% e até mais, o que pode ser verificado nas listas de presença que constam dos livros de Atas das reuniões do Departamento. Embora conservador, o Professor Aroldo de Azevedo concordou plenamente com essa situação. Mais do que isso, embora por formação e modo de ser fosse uma pessoa conservadora, teve a qualidade de aceitar de bom grado determinados tipos de mudanças. Por exemplo, aceitou com tranquilidade que o Diretor do Departamento poderia ser um docente não catedrático, rompendo uma tradição arraigada em toda a Universidade. Sou um bom testemunho desse fato, dado que fui o primeiro docente não catedrático a ser eleito Diretor do Departamento de Geografia.

GEOSUL - *Tu achas que ele tinha um pouco de paternalismo?*

Prof. Petrone - Acredito que sim. Paternalismo evidentemente pode manifestar-se de muitas maneiras diferentes. O filho, por exemplo, pode ser oprimido pelo pai. Cabe fazer justiça do paternalismo do Professor Aroldo de Azevedo. Você referiu-se ao Professor Aziz. Em não poucos momentos o Professor Aroldo de Azevedo criticou determinadas atividades do Professor Aziz Nacib Ab'Sáber. Particpei com o Professor Aziz de várias de suas primeiras excursões. Ao retornar-mos de algumas delas, procurávamos o Professor Aroldo para relatar a experiência que tínhamos vivido, nessas ocasiões tendo testemunho algumas ressalvas feitas pelo professor àquele que estava se iniciando nas atividades de pesquisa. Tais fatos não impediram, entretanto, que o professor não apenas reconhecesse as inegáveis qualidades do ex-aluno, mas passasse a apoiá-lo, mesmo que de forma indisfarçável paternalista.

GEOSUL - *E você acha que esse paternalismo continuou no Departamento de alguma maneira?*

Prof. Petrone - Creio que não, mesmo porque o Departamento de Geografia encaminhou-se para uma organização, por muitos considerada exagerada, relativamente formal e até mesmo rígida, mas que implicou fortalecimento do coletivo. Privilegiar o coletivo em desfavor do individual, com fortalecimento da participação dos instrutores — e de todas as categorias docentes de grau inferior ao de catedrático — assim como com o fortalecimento da presença dos estudantes, significou orientar o Departamento a partir de decisões tomadas coletivamente e não mais a partir da Cátedra. É evidente que esse tipo de relacionamento — paternal — praticamente desapareceu no Departamento de Geografia. Problemas mais ou menos específicos eram objeto de debates no seio de áreas didáticas, ou então no seio de Comissões Permanentes criadas para tratamento de assuntos específicos. Necessário ter em mente que permanentes eram as comissões, e não seus membros, na medida em que estes eram eleitos por período determinado em reuniões plenárias do Departamento. As reuniões departamentais eram fundamentais, mesmo que se tornassem inúteis quando, em determinados casos, na prática realizavam-se quase que para não decidir. É que nem sempre o debate leva a conclusões. Não raro acabavam por justificar adiamento de qualquer resolução e, portanto, convocação de nova reunião. Tive ocasião de brincar a respeito, lembrando que estávamos tão preocupados e ocupados na discussão de como as coisas deveriam ser feitas que na verdade não tínhamos tempo para fazê-las. No caso da Pós-Graduação verificava-se a mesma coisa, ou seja, tudo sendo resolvido depois de muitos debates com a participação de todos, inclusive representantes de alunos. Por outro lado, na medida em que quase todos os aspectos da vida departamental eram conduzidos de conformidade com disposições aprovadas em reuniões plenárias, verificava-se pouquíssimo espaço para paternalismos. Mas repito que segundo meu modo de ver um eventual paternalismo por parte do Professor Aroldo de Azevedo não foi necessariamente um mal.

GEOSUL - Eu queria perguntar sobre Delgado de Carvalho, qual a sua idéia sobre ele.

Prof. Petrone - Um geógrafo extraordinário, na verdade um peixe fora d'água no Brasil das primeiras décadas do século. Teve sua formação científica na França e muito cedo, para o ambiente da comunidade geográfica do Brasil, escreveu três excelentes livros: **Geografia do Brasil**, **Metereologia** e **O Brasil Meridional**, os dois últimos em francês. Livros realmente maravilhosos, de um padrão científico extraordinário, padrão que espelhava sua formação no Exterior. O ambiente universitário no Brasil, no campo

específico, não se encontrava preparado para o tipo de trabalho do Professor Delgado de Carvalho. Em consequência, pelo menos nos primeiros tempos, os seus livros não tiveram a repercussão que mereceriam. Mesmo muitos anos depois, juntamente com a Professora Maria Conceição Vicente de Carvalho, escreveu um livro didático, ao qual já me referi, que foi editado por pouco tempo porque era de um padrão muito elevado para poder ser empregado nas escolas de então. Foi devido à importância que indiscutivelmente teve para a Geografia no Brasil que, na ocasião em que criamos o Centro de Estudos no Departamento de Geografia, demos a ele o nome de Delgado de Carvalho. Pessoalmente considero o Professor Delgado de Carvalho o proto-geógrafo do Brasil, o primeiro geógrafo moderno que o país teve.

GEOSUL - *Ele começou no Colégio Dom Pedro II, o Delgado de Carvalho?*

Prof. Petrone - Acredito que sim. O Colégio Dom Pedro II caracterizava-se por um padrão de ensino extraordinariamente elevado. Uma escola de nível difícil de ser encontrado hoje.

GEOSUL - *O Sr. teve uma convivência com ele?*

Prof. Petrone - Pouquíssimo, e somente através do IBGE. Praticamente nada. Conhecia a Faculdade Nacional de Filosofia, lia as publicações dessa escola, porém os contatos foram quase inexistentes.

GEOSUL - *Então seus centros de referência eram São Paulo e um pouco o Rio de Janeiro, e fora desses centros?*

Prof. Petrone - Na condição de professor tão somente São Paulo. Houve oportunidade de trabalho em outras partes, a exemplo de Florianópolis, onde poderia ter trabalhado, a convite do Professor João Dias da Silveira, por ocasião da criação da Faculdade de Filosofia da Universidade Federal de Santa Catarina, nas primeiras dependências da escola, junto ao mar.

GEOSUL - *Então o Sr. teve contato com a Geografia de Santa Catarina desde o início, com o Professor Peluso?*

Prof. Petrone - Realmente tive muitos contatos com Santa Catarina e particularmente com o Professor Vitor Peluso. O Professor Peluso tornou-se o principal elemento da Associação dos Geógrafos Brasileiros do Estado de Santa Catarina. Salvo engano, a primeira reunião da AGB à qual compareceu o Professor Vitor Peluso foi o I Congresso Brasileiro de Geógrafos realizado na cidade paulista de Ribeirão Preto em 1954. Alguns anos depois o Professor

Peluso tornou-se Presidente da AGB e na ocasião, por volta de 1960, organizou a Assembléia Geral da Associação na cidade de Blumenau. Considero a produção geográfica do Professor Vitor Peluso muito importante, particularmente para a Geografia em Santa Catarina.

GEOSUL - *Seu contato com Peluso foi na década de 50?*

Prof. Petrone - Sim, verificou-se a partir dessa década. Poderia ter sido anterior, caso tivesse participado do Congresso Brasileiro de Geografia, creio que o IX, patrocinado pela Sociedade Brasileira de Geografia e que teve lugar em Florianópolis por volta de 1948. Entre outros estiveram presentes a esse Congresso, oriundos de São Paulo, os professores Aroldo de Azevedo, Nice Lecoq Müller, Odilon Nogueira Mattos.

GEOSUL - *Na Faculdade de Filosofia também entra dentro dessas coisas de folclore e tu foste preferido para a direção da Faculdade e gostaria que falasse alguma coisa a respeito. Como viste a quantitativa quando ela surgiu em 70 e como viste o marxismo quando este surgiu na Geografia e, finalmente, a UGI.*

Prof. Petrone - Vamos começar pelo fim. Não tenho qualquer condição para falar sobre a UGI (União Internacional de Geografia). Durante toda a minha vida profissional — diria infelizmente — aproveitei-me muito pouco da possibilidade que existia de manter relações com outras partes, de modo a participar de eventos de natureza internacional, inclusive dos Congressos Internacionais de Geografia. Fui sempre muito "caseiro". O único Congresso Internacional do qual participei foi o realizado na cidade do Rio de Janeiro, inclusive integrando uma das comissões organizadoras. De qualquer forma, não sei se erradamente, sempre pensei na UGI mais como instrumento político do que como instrumento científico.

Nunca tive qualquer simpatia com a denominada Geografia Quantitativa. Não tolerei o modismo quantitativo na ciência, da mesma forma como não tolerei as "cruzinhas" para as provas ditas objetivas. O modismo, porque em muitos casos tratou-se de modismo, da Geografia Quantitativa, infelizmente teve resultados discutíveis. Disponho de um rol não descursável de obras escritas dentro da denominada Geografia Teórica, dado que não poderia ignorar o que se escrevia. Na verdade não me parece que essas obras tenham acrescentado muito à ciência geográfica. Em certos casos a impressão que se tem é que os autores de certos trabalhos na verdade "brincavam" de encontrar soluções, de buscar fórmulas para esta ou aquela finalidade. Permito-me retificar quanto disso. Alguma coisa positiva foi obtida, em

particular no que se refere às técnicas de trabalho. Sob tal aspecto a quantificação enriqueceu o trabalho do geógrafo. Mas técnica de trabalho é uma coisa, a teoria é outra coisa. Creio que empregar instrumentos matemáticos e soluções gráficas para, por exemplo, definir graus de concentração agrária, parece-me bastante útil, mas ficando bem claro que se trata tão somente de empregar instrumentos de trabalho. Não sei até que ponto posso ter errado no modo como encarei a denominada Geografia Quantitativa. Não saberia responder. De qualquer forma, em nenhum momento deixei de externar meu modo de pensar a respeito, inclusive por ocasião de algumas defesas de tese. Tive oportunidade de examinar teses elaboradas por geógrafos que trabalharam com as técnicas da Geografia Quantitativa, a exemplo de Antonio Olivio Ceron ou de José Alexandre Felizolla Diniz, nessas ocasiões não deixando de criticar o que sempre considerei insatisfatório nesse tipo de abordagem.

GEOSUL - *E como eles reagiram?*

Prof. Petrone - Na verdade eles não aceitavam as críticas. Estavam convencidos de que tinham encontrado o caminho correto. Não havia o que procurar mais. A verdade tinha sido encontrada, como sempre acontece nesses casos.

GEOSUL - *Colaborou no Departamento essa coisa de quantitativa?*

Prof. Petrone - A Geografia Quantitativa foi praticada no Departamento, embora não com a mesma intensidade com que foi praticada em outras partes. Sua presença foi mais significativa na Pós-Graduação. Nesse curso um professor poderia ministrar uma disciplina com diretriz teórica e outro ministrar outra com diretriz totalmente diferente. Sob certos aspectos tal fato era muito bom, dado que dessa forma abria-se um leque diversificado no cardápio do currículo. O que não me parecia bom era a tendência de classificar: tudo obedecendo a determinada diretriz seria bom, tudo obedecendo a outra diretriz deveria ser considerado ruim. Sob certos aspectos em alguns casos isso verificou-se com a abordagem de Geografia sob o prisma do marxismo. Para combater tendências estruturalistas, positivistas, teóricas, ou outras, muitos acabaram por exagerar com as interpretações ditas marxistas. Não raro bastava referir-se a Marx para o docente ser mais respeitado. Na verdade o próprio marxismo na Geografia não era uma só coisa, e por isso mesmo cheguei a falar em tendências marxianas e não marxistas, dadas as diferenças existentes. Um exemplo era fornecido por aqueles que se fundamentavam em Gramsci.

No conjunto creio que não raro a insistência na interpretação marxista dos fatos geográficos, inclusive com posições nítidas de combate a outras correntes, creio que acabou por permitir a incidência em erro semelhante ao dos que eram combatidos, ou seja, encontrada a "verdade", não há mais o que procurar, em conseqüência ficando limitado o espírito crítico. Combateu-se o quase fanatismo representado pela Geografia Quantitativa, porém resvalou-se para alguma coisa semelhante.

GEOSUL - *Como o Sr. vê os ditos pós-marxistas?*

Prof. Petrone - Não tenho condições para dar parecer a respeito.

GEOSUL - *A partir da aposentadoria o Sr. quer abandonar a Geografia?*

Prof. Petrone - Não é minha intenção. E respondendo ao Professor Armem, quanto a uma questão anterior, cabe-me lembrar ter sido indicado pela Congregação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP por diversas vezes, quer para a função de Diretor, quer para a de Vice-Diretor da Faculdade. Na primeira eleição que se verificou na Faculdade de Filosofia, com a participação de alunos, funcionários e professores, para escolha do Diretor da escola, recebi o maior número de votos. Na ocasião não mereci a indicação por parte do então Reitor da Universidade, de resto como se veificou em ocasiões anteriores. O então Reitor preferia indicar para a função o Professor Rui Coelho. Acredito que tenha sido uma boa escolha.

GEOSUL - *Pode ser porque você não é brasileiro nato?*

Prof. Petrone - Creio que não. De qualquer forma, esse problema nunca me preocupou. Não poderia afirmar qualquer coisa nesse sentido.

GEOSUL - *Então vamos fazer a última? Depois da aposentadoria o Sr. abandonou a Geografia, ou está fazendo História geográfica?*

Prof. Petrone - De alguns anos para cá estou me interessando por um assunto ao qual sempre quis dedicar-me: Migrações e Colonização. Durante doze anos ministrei curso em nível de Pós-Graduação sobre "Problemas de Colonização no Estado de Santa Catarina", curso que constitui justamente um referencial quanto ao meu interesse pelas questões de imigração e colonização. No âmbito da imigração e colonização, por outro lado, interessou-me mais de perto imigração e colonização italianas, talvez por razões pessoais. Nos últimos anos tenho escrito justamente sobre aspectos da presença italiana no Brasil. O último desses trabalhos foi escrito há poucos dias. Solicitaram-me

um trabalho com máximo de quatro páginas para uma revista italiana. Quando terminei de escrevê-lo, somei quase trinta páginas. Pequei por prolixidade e portanto tenho que revê-lo. Trata-se de um pequeno trabalho sobre os cantos das comunidades de origem italiana do Sul do Brasil, não os cantos que trouxeram da Itália, e já escrevi sobre eles, mas aqueles cantos elaborados aqui no Brasil, especialmente nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. É evidente que no caso específico não se trata de Geografia. Mas quando escrevo sobre o início da industrialização no Brasil e o papel exercido pelos italianos, estou abordando temática geográfica e histórica, ou quando escrevo sobre o problema da escola e da língua entre os descendentes de italianos de certa forma estou fazendo alguma coisa que interessa um pouco a Geografia, a História e mesmo a Antropologia Cultural.

GEOSUL - Por que o Sr. diz: isto é Geografia, isto é História, não é delimitar demais?

Prof. Petrone - Na verdade trata-se de uma preocupação paradoxalmente decorrente do não querer delimitar, de não querer submeter-se às etiquetas.

GEOSUL - Ou é Geografia, ou é História, ou (?)

Prof. Petrone - Sou radicalmente contrário à aposição de rótulos, de etiquetas; no passado isso verificou-se muito no caso da Geografia, inclusive no caso de ambientes científicos como o da Associação dos Geógrafos Brasileiros. O Prof. Armem conheceu esse tipo de problema de perto, por ocasião da realização da Assembléia Geral de Viçosa, em Minas Gerais. No passado foi muito frequente a preocupação com o que é e o que não é Geografia. Ainda hoje essa preocupação existe, se bem que mais atenuada. Quantas vezes tive ocasião de ouvir: "Isto não é Geografia". Em certos casos esse tipo de preocupação chegava a irritar. Parecia que quem emitia o juízo de valor na verdade não estava preocupado com o significado do que fora dito ou escrito, mas sim com a "estante" em que deveria caber. Na verdade não estavam realmente preocupados com o conteúdo do que fora dito ou escrito, mas sim com a forma.

GEOSUL - Eu fiz um trabalho de Morfologia Urbana...

Prof. Petrone - Estava justamente me referindo a isso, morfologia de qual cidade?

GEOSUL - Florianópolis.

Prof. Petrone - A cidade de Florianópolis, especificamente várias de suas quadras centrais, lembro bem. Foi um trabalho criticado por quem?

GEOSUL - *Foram o Manoel Correia e o Gilberto Ozório.*

Prof. Petrone - Gilberto Ozório que na ocasião fazia que tipo de geomorfologia? Entre outras coisas, granulometria, que em geomorfologia seria um estudo bem mais minucioso de que o realizado em Geografia Urbana para as partes centrais de Florianópolis.

GEOSUL - *A Geomorfologia Urbana não demora, e isso eles não sabiam.*

Prof. Petrone - Naquela oportunidade afirmaram que a pesquisa realizada pelo Professor Armem não era Geografia. Realmente fiquei revoltado com o fato. Foi alguma coisa semelhante com o que se verificara com o meu pequeno trabalho relativo à evolução da cidade de São Paulo, poderia tornar-se Geografia se o que escrevera fosse antecedido por observações sobre o sítio urbano.

GEOSUL - *Seria um enquadramento das pessoas, uma questão de enquadrar tudo?*

Prof. Petrone - Da mesma forma forma como eu me recuso a enquadrar-me, recuso-me a enquadrar quem quer que seja.

GEOSUL - *O que eles pensam então que é Geografia? Porque de repente a questão da análise dos cantos italianos pode ser uma análise regional, espacial.*

Prof. Petrone - Mas é também Antropologia Cultural.

GEOSUL - *A gente gostaria de saber como conseguir uma bibliografia tua, para citar as principais obras, pra localizar as pessoas...*

Prof. Petrone - Posso mandar uma relação. Quero agradecer a todos vocês, ao fato de terem pensado nesta reunião, principalmente ao fato de estarem dando importância a alguma coisa que na verdade não tem mais importância. De qualquer forma, foi muito bom.